

# A escrita de Márcia Maia: cotidiano e tragédia moderna, com leves pitadas de ironia

Maria Esther Torinho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a escrita de Márcia Maia, mostrando como, a partir de elementos do cotidiano, a autora incorpora o elemento trágico moderno, em uma poesia onde a tensão decorre da oposição constante entre elementos da dor decorrente da vida e do amor e uma certa dose de humor e ironia com que capta a inevitabilidade do trágico. Como corpus, poemas de *em queda livre*, além de outros.

**Palavras-chave:** Márcia Maia. Trágico. Cotidiano. Tensão. Ironia. Subjetividade.

**Abstract:** This article approaches Marcia Maia's poetry, showing how, from daily life elements, the author incorporates the modern tragic, producing a poetry where the tension arises from the constant opposition between pain arising from life and love and a dose of humor and irony with which she captures the inevitability of the tragedy. As a corpus, poems from the book "*in free fall*", besides other ones.

**Keywords:** Marcia Maia. Tragic. Tension. Irony. Subjectivity.

77

Márcia Maia é pediatra e vive em Recife. Tem poemas publicados em vários sites da internet e na revista *Poesia Sempre* n° 15, (Fundação Biblioteca Nacional, Novembro de 2001.) Participou da Antologia *Poetrix*, (Ed. Scortecci, São Paulo, 2002), da Antologia *Escritas* (2004), do *Livro da Tribo* (2004 e 2005), da Antologia *Poesia do Nascer*, editada em Lisboa, Portugal (2005), além de ter sido incluída na antologia *Pernambuco, terra da poesia: um painel da poesia pernambucana dos séculos XVI ao XXI* (2005) e na Revista *Continente Multicultural*, editada pela Companhia Editora de Pernambuco, em 2006.

Tem os seguintes livros publicados: *Espelhos* (2000), *Um tolo desejo de azul* (2003), *Olhares/Miradas* (2004) e *Em queda livre*

<sup>1</sup> Artista plástica e mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

(2005). Edita os blogs *Mudança de Ventos* e *Tábua de Marés*. Foi premiada no 3°. Concurso Blocos de Poesia, em 2000, com o livro *Espelhos*; 4° lugar no VII FestCampos de Poesia Falada 2005, de Campos dos Goytacazes com o poema *crônica de uma ausência anunciada*. *Ganhou* o Prêmio Violeta Branca Menescal, destinado ao melhor livro de Poesia dentro dos Prêmios Literários da Cidade de Manaus em 2007.

Na poesia da autora o cotidiano é elemento constante. A poeta transita entre o amor e uma pontada de dor, o desencanto e alguma esperança, apresentando um tom às vezes nostálgico e outras vezes levemente irônico, como quem vê a vida através de uma lente de aumento, que lhe possibilita captar seus pequenos entaves e, de posse dos mesmos, produzir uma escrita de onde emerge o sentido trágico que parece inerente ao viver e que está presente no poema *recaída*<sup>2</sup> (da obra *em queda livre*): “nada mudou. caminho em círculos. / à mais efêmera alegria, / sobrevirá, já que o persigo, / o caos, talvez nas manhãs frias / do outono inexistente e azul / ou nas notas falsas de um blues / nordestinado ao som da lua / cheia. mentiras de poeta! / perdida há muito em meio à bruma // desaprendi de ver, de crer. / de chorar, não. e de morrer?”

78

Apesar da grande aceitação de sua escrita por parte de diversos autores da atualidade e de tantos leitores da Internet e apesar dos prêmios já recebidos, Márcia tem publicado seus livros através de edições do autor ou de pequenas editoras, visto a dificuldade que encontram os novos autores junto às Editoras convencionais, ou seja, ainda não é uma autora largamente lida nos grandes circuitos nem conhecida da mídia impressa, enfim, sua poesia não faz parte da produção em grande escala, não foi absorvida pela indústria cultural, de modo que seus títulos são, via de regra, edições do autor. De acordo com BOSI (1990, p. 142), a poesia “parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não consegue manipular para vender. A propaganda só ‘libera’ o que dá lucro: a imagem do sexo, por exemplo. Cativante: cativoiro”.

Vejam os poemas *Prestidigitação*, que faz parte do livro *em queda livre*: “sou a que se perdeu / a ausente / e embora esteja

<sup>2</sup> Os títulos constam das obras geralmente grafados em letra minúscula.

quase / sempre aqui / aparentemente presente / não sou eu a que me vêem / – tu e toda essa gente – / mas o esboço / a sombra / o rastro / ou talvez apenas o reflexo / nas águas turvas de junho / da que fui / quando o inverno era / ainda / uma improvável e longínqua / possibilidade”.

Eis aí a indecisão, a eterna dúvida entre o ser e o não ser de Hamlet, essa indecisão que é “o fundamento de quase todas as tragédias escritas entre os séculos XVI e XVII. Caracterizadas como tragédias da Renascença, essas peças, como diria o filósofo Walter Benjamin, ‘superestimam a influência da doutrina aristotélica sobre o drama do período barroco’. (NEMER, s.d.). Mas sobre o drama barroco, NEMER (Op. Cit.) afirma que “apesar de os autores acreditarem que o que estavam escrevendo eram tragédias (no sentido ‘grego’ do termo), o drama do período barroco não pode ser confundido com as tragédias clássicas”. Nietzsche, por sua vez, em *O nascimento da tragédia* (1993), busca detectar o princípio constitutivo do mundo grego.

A esse respeito, afirma MACHADO (2005):

A busca de outro princípio constitutivo do mundo grego — além da serenidade — não é originalidade de Nietzsche. É antes uma constante de toda a interpretação da Grécia desde o nascimento do trágico, isto é, desde a interpretação filosófica, ontológica, metafísica, da tragédia como apresentando uma visão de mundo trágica — o que se deu com o idealismo absoluto, no final do século XVIII.

79

MACHADO (Op. Cit.) pergunta-se ainda “com que finalidade a tragédia apresenta apolineamente a sabedoria dionisiaca?” e responde que é

para fazer o espectador aceitar o sofrimento com alegria, como parte integrante da vida, porque seu próprio aniquilamento como indivíduo em nada afeta a essência da vida, o mais íntimo do mundo. Assim, fundada na música, a tragédia, expressão das pulsões artísticas apolínea e dionisiaca, é a atividade que dá acesso às questões fundamentais da existência.

No mesmo artigo, Machado afirma ainda:

Schiller (...) também critica a modernidade a partir de uma reflexão sobre a origem. Tal como ele vê o problema em Poesia ingênua e sentimental, o grego antigo vivia em profunda união

com a natureza, sem fazer uma distinção radical entre natureza e cultura, sendo uno consigo mesmo e feliz no sentimento de sua humanidade. Já o homem moderno — que destrói ou esquece a natureza, ou para quem a natureza desapareceu da humanidade, e só é reencontrada em sua verdade no mundo inanimado — é um ser fragmentado, dividido, cindido de si mesmo e infeliz em sua experiência da humanidade. Daí por que os artistas modernos, rememorando as origens, devem contribuir para realizar a harmonia perdida entre o homem e a natureza, a liberdade e a necessidade. A Grécia, na qual a natureza e a humanidade eram unidas em suas diferenças, é, assim, para Schiller, o modelo de um acordo que é preciso reconquistar.

Vejamos o poema *antes da chuva*, da obra *em queda livre*: “o mar se estendia além / da sala além da mesa / além das buganvílias grenás. // a saudade espreitava/ à mesa ao lado// e o cheiro de café recém-/coado se espalhava na manhã”. E ainda, o poema *à mesa (da obra Olhares)*: o peixe, a cesta de maçãs / batatas assadas, sete fatias / de queijo, um pão, a jarra de vinho // e a súbita tentação de compor um réquiem.).

O cotidiano está presente na obra da autora, emaranhado nas teias do amor e da dor, amor que se mostra errante e evasivo, promessa de luz e, ao mesmo tempo, fonte de decepção e dor, esta dor que nos revela um sujeito trágico, mas de cuja tragicidade ele é ao mesmo tempo vítima e algoz, como o que se revela no poema *Sina*<sup>3</sup>: “à noite / sonha-se tigre / e mata / de dia / sabe-se homem / e cala // sagaz / evita eclipses / solares // perdido / por trás de espelhos / sem faces // de si / eternamente / refém // agora / e para sempre / amém”. O homem, neste poema, tanto pode ser pessoa do sexo masculino, como pode o ser humano, independentemente de gênero, preso (a) nas malhas do inconsciente, desconhecedor de si mesmo e refém desse absurdo em que se constitui para os outros e para si mesmo.

NEMER (Op. Cit.) afirma que “a tragédia na Grécia, tinha o efeito purificador, catártico”, enquanto “na tragédia do período barroco, o sentimento predominante já não é a catarse, mas a apatia”. Ainda segundo NEMER (Op. Cit.),

a impotência que acompanha a apatia é outro aspecto que caracteriza o herói do drama barroco. O herói trágico, por sua

<sup>3</sup> Publicado no site Germina Literatura. Acesso em 8/12/2007.

vez, caracteriza-se pela vontade, pela ação. A luta desenrola-se na esfera do mito colocando em cena o caráter agônico da existência. Na luta do herói contra os deuses a vitória será sempre destes, atestando a submissão do herói às antigas leis. A morte do herói não significa, entretanto, sua derrota mas a continuidade do ciclo, a manutenção da ordem dentro do caos. Trata-se de uma morte que expia todas as culpas. Uma morte, enfim, libertadora.

O eu-lírico apresenta apatia e uma certa impotência diante dos descaminhos da vida, como se constata através do poema sazonal, do livro *Um tolo desejo de azul*: “um sentir de outono / meio ao verão / que não termina // em mim, todas as folhas caíram / mesmo não estando mortas”. Além disso, no poema acima, o eu pretende ser o da própria poeta, subjetividade que se esconde (revela?) atrás da máscara, da persona que é o poeta em geral, essa poeta em particular avesso(a) a (auto) definições rígidas. Na poesia de Márcia Maia, temos, ao invés do trágico em sua concepção clássica, o trágico contemporâneo, em que o sentimento trágico da vida, com o absurdo que lhe é inerente, mostra-se como que parte integrante e inevitável da condição humana. Não o trágico no sentido do gênero trágico, do qual fazem parte, segundo RABELO (2004, p. 157), “a presença de protagonistas de condição elevada essencialmente marcados pela ambição de poder e de glórias”, mas o trágico do dia a dia, da vida comum e urbana, do homem comum. O poema acima citado apresenta uma ambigüidade: as folhas caem de si ou caem em si, sugerindo as duas coisas ao mesmo tempo – as folhas (metáfora para fatos da vida, tragédias do cotidiano, ao caírem sobre si, faz com que despenquem as folhas que fazem parte de si, desvelando a dupla tragédia que é a vida, qualquer que seja o ângulo pela qual seja focalizada).

A tragédia, na concepção de Aristóteles (s.d., p. 11), é a “imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta também da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma forma de ser. Os caracteres permitem qualificar o homem, mas é da ação que depende sua infelicidade ou felicidade”.

No entanto, sua poesia, embora recheada desse elemento trágico, faz-se de gestos e palavras simples, sem derramamentos, sem rebuscamentos, como se visse o trágico de modo quase

casual, como algo praticamente inevitável.

André Ricardo Aguiar, poeta, na apresentação da obra *em queda livre*, afirma:

Dona de uma dicção límpida, sem se desviar para os experimentalismos ou sequer o derramamento de matéria lírica, Márcia antevê um projeto de linguagem em que o dizer e o fazer se equiparam. E para tanto elege seus mitos pessoais, tirando muito do espanto de suas leituras – atentas, comprometidas – e de sua vivência. Vem daí que os seus versos de circunstância adquirem aquela rara sensação de eterno. Ou quando trabalha seus demônios particulares, seja a solidão, o amor, o tempo e a morte. De tudo fica um resíduo da natureza. Em todos os sintomas que acometeram os mais variados poetas, essa equivalência do mundo natural na poesia criou quase um esperado espelho, muito caro, muito recorrente. Márcia Maia não se faz de rogada e toma para si essa mirada nas coisas para recuperar, via linguagem, o olhar inaugural sob sua ótica – porque tem na lição eliotiana um ponto a favor: dialogar com a tradição é muitas vezes um meio de promover o novo.

ARISTÓTELES (Op. Cit, p. 3) assinala a “diferença que distingue a tragédia da comédia: uma se propõe imitar os homens, representando-os piores; a outra os torna melhores do que são na realidade”. Segundo esse filósofo, a tragédia “é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções.

Da obra de Márcia Maia, emerge um sujeito acuado entre as possibilidades e impossibilidades que se apresentam no cotidiano, muitas vezes mergulhado na impotência, representado de forma nem melhor nem pior do que o seria na comédia da vida urbana, mas sempre ciente de sua finitude perante a grandiosidade do mundo, que vê com um olhar veladamente crítico e, além disso, lúcido diante das incertezas da vida e que se faz lúdico na e pela linguagem poética.

Se “a queda do herói trágico decorria de indecifráveis desígnios divinos” (RABELO, Op. Cit, p. 222), nos poemas e textos de Márcia Maia o trágico decorre de conjunções desfavoráveis

do cotidiano, da inevitabilidade da vida e das escolhas do sujeito, enredado nos desvãos abissais de sua própria subjetividade, cujos meandros nem ele mesmo conhece de fato: “pouco mais que um rouco grito / : // nada”. (*eu*, da obra *um tolo desejo de azul*).

RABELO (Op. Cit., p. 198) cita LOPES<sup>4</sup> que, ao tratar do trágico como idéia fundamental para a compreensão do teatro moderno, vê na dramaturgia de Nelson Rodrigues, “a concretização contemporânea da idéia do trágico, que se sustenta permanentemente num jogo com ‘tensões e ambigüidades’”. Vejamos outros poemas:

*Crepuscular (em queda livre)*: brusco e róseo. / no asfalto molhado, / o grito. // (sangue salpicado no vestido / e um buquê desfolhado na lata do lixo.).

*FOTOGRAFIA (em queda livre)*: “à beira da estrada / um cemitério / cruzeiros enfeitadas com / coroas de primeira-comunhão / inocência estendida entre / as lápides // num misto de saudade e / decomposição”.

O sujeito que se apresenta ao leitor pode ser tanto o eu-lírico, máscara de que se reveste a poeta para camuflar o si mesmo que se esconde / revela a si mesma e também ao leitor, insuflando falsas certezas quanto à sua própria identidade, quanto a serem os sentimentos expostos os verdadeiros (?) sentimentos da autora, como se constata no já citado poema *recaída*, em que o sujeito aparece como eu-lírico, em primeira pessoa: “nada mudou. caminho em círculos”, ou no poema *Prestidigitação* (do livro *em queda livre*), que nos apresenta um eu-lírico crivado de contradições e ambigüidades: “não sou eu a que me vêem / – tu e toda essa gente – / mas o esboço / a sombra / o rastro / ou talvez apenas o reflexo / nas águas turvas de junho / da que fui / quando o inverno era / ainda / uma improvável e longínqua / possibilidade”.

Mas o sujeito também pode ser o outro, que aparece indefinido em *in extremis*, também do livro *em queda livre*: “como em ciclos / um morrer sem morrer / que ad infinitum se repete / e dói e fere e zomba e tripudia / sem que de fora nada se per-

---

<sup>4</sup> Trata-se de “Nelson Rodrigues, o trágico e a cena do estilhaçamento”. In *Travessia*, no. 28, p.p. 84 e 87, de Ângela Leite Lopes.

ceba / até que se faça água / talvez ostra talvez alga / talvez vôo de pássaro cansado e sem asas”, ou ainda em terceira pessoa, que pode muito bem ser mais uma máscara de que se reveste a poeta para expressar seus sentimentos, podendo ainda ser o Outro, representante do inconsciente, que surge das sombras e mescla-se às (in) certezas e incoerências do eu-lírico. Vejamos o poema *mudança de hábito*<sup>5</sup>

desistiu. / cortou os cabelos encurtou / as saias trocou a cor do batom e o número do telefone / celular. // esqueceu promessas e juras / - mentiras antigas - / bem como a cor dos seus olhos e / o tom grave da sua voz// : dele.// tratou de em paz viver a vida// : a sua.// as cartas entretanto guardou // para o caso de arrependimento// futuro ou se viesse a pesar a solidão. (da obra *em queda livre*).

O sujeito pode, por último, mas não por fim (tantas são as possibilidades na escrita de Márcia Maia) ser a própria natureza ou um sentimento feito gente, porque inundado dos sentimentos que afetam a tanta gente. A título de exemplo, tomemos, da mesma obra, *em queda livre*, o poema *antes do entardecer*: “a solidão desperta. / solta os cabelos desdobra os /dedos espreguiça. // (a vida pára espera silencia.) // a tarde de espaços ensolarados // imensos hesita. // (faz-se em vento frio o que / era brisa.) // o azul porém mantém-se intacto. // afinal também amam o azul /a solidão e os solitários”.

Estando ausente o ser, que em certos casos confunde-se com o não-ser, impõem-se os elementos do ambiente como presenças silenciosas mas em concordância com o estado de espírito do sujeito cuja desesperança revela-se mesmo na ausência, mesmo à distância: “uma manhã recém-pintada de branco / úmida ainda/ (janelas fechadas cortinas corridas). // na sala a mesa posta do jantar/ de ontem que não foi/ as flores as velas a toalha antiga/de renda irlandesa / e um cheiro amadeirado de ternura e / tristeza / refletido em cada copo em cada corpo / em cada recôndito vão / do espelho vazio”. (poema *cantochão*, publicado nas obras *em queda livre* e em *Olhares*).

Isso repete-se em *fractal* (*em queda livre*), em que fica ainda mais clara a intimidade entre a poeta e o ambiente, revelando-se

<sup>5</sup> Publicado no site Interpoética. Acesso em 11/12/2007.



entre ambos uma confusão, ou ainda, uma fusão: “mais de mil e quinhentos pedaços / espalhados casa afora / desde a cama até a mesa/ retalhos de mim / – desinventados –/ perdidos no caos cristalino / do espelho partido em / mais de mil e quinhentos pedaços” – o que ocorre em um crescendo, até que a solidão adquire claramente o status de pessoa humana, quando o ser humano acha-se cerceado e impossibilitado de comunicação, de tal modo que o sentimento faz-se pessoa, mostrando-se através de verbos de ação: caminha, acerta o passo, contempla, retorna), além de mostrar-se possuidor de algo – as casas – quando não deveria passar de coisa possuída (sentimento vivido). É o que ocorre em *lição de geometria (em queda livre)*: “as solidões caminham lado a lado / no parque da jaqueira. / acertam o passo. / seguem-se. / raramente se ultrapassam. / contemplam-se traçando círculos / de silêncio a cada passo. / círculos que se rompem quando / findo o exercício / retornam as solidões às suas casas. / em separado”.

Vejam *versos de circunstância*<sup>6</sup>: “há dias em que sou frágil / como um castelo de cartas / noutros mar me liquefaço / e espuma despedaço-me aos pés / do rochedo que fui / e já não sou // há dias em que sou frágil / como um castelo de cartas // de amor”).

85

Esse poema é perpassado pela dúvida, que reflete a tensão que divide o eu-lírico entre o ser e o não-ser e, além disso, entre o passado e o presente, a fortaleza e a fragilidade, o amor e o desamor, persistindo, sempre, por detrás de tudo isso, o fragmento, o que faz dele um sujeito cindido, fragmentado, com características da pós-modernidade.

LAFALCE (Op. Cit., p. 56) afirma que “na base de todo poema pulsa uma tensão estrutural que revela/constrói outra – a tensa condição humana, esse vir-a-a-ser que não só se diz na palavra mas se faz na palavra”, concluindo que “nesse sentido, o discurso poético consagra a forma como o vivido. A forma como um modo de ser/sentir: um modo de presença no mundo. Não a forma da informação, mas a forma da in-formação. A forma

---

<sup>6</sup> Publicado no site *Escritoras suicidas*. Acesso em 11/12/2007. Obs: existem outros poemas da autora sob esse título.

como busca de sentido”, razão pela qual a linguagem poética “é sempre inquietante”. Esse autor (Op. Cit., p. 55) cita Octávio Paz, que

procura configurar as fortes linhas tensionais da linguagem da poesia – *identidade, alteridade, comunhão/exílio, mito/história, permanência/transcendência* – que, aliás estão presentes no próprio título de sua conhecida obra *O arco e a lira*: “[...] a lira, que consagra o homem e assim lhe consagra um lugar no cosmo; o arco, que o dispara para além de si mesmo”.

O eu também se funde com a natureza, como no poema *pequenina primavera* (do livro *Olhares*), em que o sujeito, em terceira pessoa, mescla-se à natureza, em uma simbiose com esta: “por vezes / mesclava-se à paisagem / floria / entre ramos de papoulas / jasmims e romãs maduras. // era quase sempre / ao meio-dia / quando imóvel na piscina / tudo ao redor em si se refletia // numa estranha e colorida simbiose”.

A poeta Maju Costa, na capa do livro da autora, *Espelhos*, citando um trecho de Márcia Maia: “tantas imagens de mim... passeiam assombros”, afirma:

86

a primeira pessoa da autora torna-se o meu eu, tantos eus sou (somos), peças de quebra-cabeças, imagens sempre virtuais sugerindo o (ir)real do meu eu, do meu outro que também sou eu. Em lugar, porém, das muitas dores de uma longa jornada psicanalítica em direção ao *eu mesma*, o engenho e arte da autora me oferecem uma viagem de deslumbres.

O sujeito de Márcia Maia é múltiplo, apresenta inúmeras faces e fases, falseia a realidade, para mostrá-la, mais adiante, o que decorre da tensão entre o eu e o mundo, entre o eu e os outros eus (o desconhecido em si), decorrente de suas próprias contradições, como no poema em câmera lenta: “olho-me com olhos de estranhos / e me vejo a mim // olho-me com olhos de mim / e me vejo estranha // (os mesmos olhos) // alheia às sacrossantas leis da / física ainda assim // relativizo-me // (divido-me e multiplico-me) // nesse caleidoscópio de mim em / que me reinvento / e desabrigo”. Eu que escapa ao leitor e a si mesmo e cuja existência é de tal modo desencontrada que viver e morrer, presença e ausência confundem-se:

sei como é estar sozinho / sem indulgência / sem nunca pedir clemência. / sei de mim: um ser marinho / perdido a meio cami-

nho / do deserto na iminência / de esquecer o mar vizinho / de abismo e insolvência. // mas não será desse espinho / que hei de morrer. paciência. // a tal vil redemoinho / ofereço a impertinência / de quem conhece a ciência / do sobreviver: sem vinho / herói quixote ou moinho, / sigo adiante. e de ausência / cinjo-me enquanto escrevinho / meus versos de inexistência. (*IMPERTINÊNCIA* <sup>7</sup>)

“A poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam” e, assim sendo, “trabalhará, então, a linguagem da infância recalcada, a metáfora do desejo, o texto do Inconsciente, a grafia do sonho”. (BOSI, 1990, p. 150). Repleta de metáforas do desejo, a poesia de Márcia Maia revela-nos a grafia do sonho, que se concretizará na cor, principalmente a azul, das quais seus livros estão repletos e que toma corpo e forma a partir do título do livro *Um tolo desejo de azul*, de onde extraímos o poema *Intimidade*: “se tocar um blues / e eu estiver de azul / como a tarde / me beija o pescoço / me explora o decote / (aos amigos se permitem / certas intimidades) // mas se tocar um tango / dança comigo / beija-me a boca / quem sabe me ama / (que não é de ferro / a amizade) / depois / tomar café com leite / e pão torrado / e seguir sendo amigos / por infinitas outras tardes”. Vejamos outro poema:

Toma-me as mãos / e inventa-me cabelos verdes / que aqueçam / o teu alvor frio de ausência. / Toma-me o corpo / e descobre-me estrelas / em cascatas de vento / e moinhos de mar, / que te refresquem a frente, / inundando de amarelo / o cinza-escuro do teu medo. // Deixa que eu te tome / as mãos / e desperte borboletas / em gramados lilás / que se derramem em fontes / sobre a aridez / do teu peito / deserto. / Deixa que eu te tome / o corpo / e liberte o sol / numa explosão / de azuis / e azuis / e azuis. <sup>8</sup>

Os cabelos verdes, metáfora do sonho, possibilidade de concretização do desejo, contrapõe-se ao branco (frio alvor) da ausência do amado e, aliando-se ao amarelo, que por sua vez contrapõe-se ao cinza-escuro do medo, para enfim, após despertar, com as borboletas, em gramados lilás, libertar o sol em uma explosão de azuis. Não se pode deixar de perceber a função

<sup>7</sup> Publicado no site Ave palavra e, segundo consta ali, ainda inédito em livro. Acesso em 11/12/2007.

<sup>8</sup> Publicado no site Germina Literatura. Aceso em 10/12/2007.

que exerce a cor, em seus diversos matizes, na poesia de Márcia Maia, como metáfora do bom e do belo, ou do mau (mal?), arrastando o texto para o impossível (?) reinado do sonho, revelando desejos sutis – ou nem tanto, sugerindo possibilidades de amor e de vida, a desfazer, até certo ponto, a dor que perpassa tantos de seus versos, embora esta dor traga, algumas vezes, juntamente com ela, uma ponta de humor e de ironia, algo de quem vê o mundo com olhos críticos, sabe que as coisas não são como se gostaria e que há coisas que não têm jeito mesmo. Como exemplo dessa veia levemente irônica de Márcia Maia, tomemos o *poeminha cínico*:

mesmo o mais cinzento dos domingos / diz-se azul quando  
amanhece/ ainda que em meio a terremotos / maremotos  
tempestades. / mesmo o amor mais corrosivo sabe / a mel  
quando engatinha / ainda que respingue sangue e fel / a cada  
passo. // mais importa o prometido que o / que encerra // à  
luz dos dias a crua e cínica / e vã realidade. // sendo assim  
seguem sempre azuis / e doces os amores e os domingos / : a  
propaganda é a alma do negócio / bem se sabe.

O elemento trágico persiste, especialmente na obra *em queda livre* que traz, juntamente com laivos de desejo e esperança, a consciência da negritude da vida, como em *sem meias palavras*<sup>9</sup>: “na tarde de inverno / sou folha sem vento /arrastada na enxurrada // rumo ao nada que se esconde / no outro lado dos esgotos / que atravessam silenciosos as cidades. // fosse em paris seria charme. // mas aqui às dezoito horas / de um dia chuvoso de agosto / no nordeste brasileiro / : sou puro desespero”. Porém, o trágico, além de decorrer de suas relações com dramas pessoais, ou seja, de uma problemática interna, também provém de uma consciência das mazelas sociais, embora não seja o ponto essencial. Vejamos, assim, este poema sem título: “a chuva enxágua as calçadas / da sexta-feira / deserta. // Encharcada, a miséria se abriga / sob os pórticos das igrejas / antigas / pintadas de novo / — preciosamente preservadas — / sombria imagem de esquecidos. // Não há páscoa, nesta cidade / de vivos-mortos. // Sem ressurreição e sem saída / aqui é

<sup>9</sup> Publicado no blog da autora, Tábua de marés. Acesso em 8/12/2007.

<sup>10</sup> Publicado no blog da autora, Mudança de ventos. Acesso em 10/12/2007.

sempre / — e todo dia — / sexta-feira da paixão”. Mas, apesar dessa consciência social, a autora ainda se permite sonhar com *Um mundo perfeito*<sup>10</sup>, mesmo com a consciência da falácia que existe atrás da perfeição, que é sempre fictícia e consegue apenas deixar a todos “*mediocrementemente felizes*”:

Aboliu-se doenças e lágrimas. Mesmo as de alegria. Baniu-se a morte e a paixão. Aos poucos, todas as emoções foram sendo esquecidas. E a paz se instalou nesse mundo perfeito. Onde se vivia a salvo da vida. Sem amor. Sem dor. Sem morte. Sem paixão. Sem partidas. Sem medo. E todos foram mediocrementemente felizes. Para sempre.

LEFALCE (2006, p. 55) afirma que “não se pode perder de vista o fato de a tensão poética ser efeito de uma formação discursiva que busca reconstruir, através da palavra e na palavra, a experiência humana, a tensão a que o homem está sujeito na vivência das pulsões e emoções que brotam da relação homem/mundo”.

Conforme Allen Tate (2005, p. 621-638), a tensão, no poema, decorre da convivência entre os plano denotativo (sua ex-tensão) e conotativo (sua in-tensão). Na escrita da autora, o plano denotativo nos traz o cotidiano, o amor, o desamor, pequenas alegrias e grandes ou pequenas dores, enquanto do plano conotativo emerge um eu-lírico, (em primeira pessoa) ou um outro (em terceira pessoa), ambos transitando entre a dor inevitável e alguma esperança, revelando um olhar crítico sobre o mundo, do que decorre uma tensão poética que não se desfaz por completo.

Se “o trágico traduz uma consciência dilacerada, o sentimento das contradições que dividem o homem contra si mesmo” (AUERBACH, 1987, p. 289), na obra da autora, especialmente no livro *em queda livre*, a tragicidade caminha num crescendo, até encerrar-se com o poema que lhe dá título e que traz o sentimento de que, apesar de se poder desfrutar, em alguns momentos, do “*instrumento proibido do prazer*”, não há muita chance de uma vida mais plena, pois apesar das asas (se ainda as tem), resta o abismo a chamar, o que deixa, como recado final, uma certa desesperança, no poema *em queda livre*, que encerra a obra de mesmo nome:

como fosse a vida feita só de aclave / de ladeiras que mais /

sobem sem prever / que o avesso de subir não é descer / que bem vive quem apenas sobrevive / e quão vão é navegar sem que se prive / do instrumento proibido do prazer/ não de amar mas de mentir e pretender / ser atriz (tão desigual!) não me contive: / perscrutando meu passado detetive / de minh'alma sem sequer em alma crer / deparei-me com tremenda escuridão./ (*impossível descobrir o que adjetive / o vazio sentimento de entrever/ que sou nada meio à imensaimensidão.*) // : resta o vôo se asas tenho (um dia as tive). / : resta o abismo a me chamar a me acolher.

Márcia Maia nos traz um cotidiano impregnado de amor e dor, revela diversas facetas da vida – por um lado, desencontros e, por outro, pequenas alegrias, o que a autora vê com um misto de ironia e desesperança, deixando, como diria Manuel Bandeira, “um acre sabor na boca”, embora a poeta não faça seus versos “como quem morre”, mas como quem vive ciente dos males da vida, uma tragédia moderna.

## Referências

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=2235](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=2235) Acesso em 2/12/2007.

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. rev. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BENJAMIM, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.

LALFACE, Luiz Camilo. *Pedra e sonho. A construção do sujeito lírico na poesia de Dante Milano*. Tese de Doutorado em Letras. Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. USP. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br> Acesso em 30/11/2006.

MAIA, Márcia. *Espelhos*. Edição da autora: Recife, 2000.

MAIA, Márcia. *Um Tolo Desejo de Azul*. Edição da autora: Recife, 2003.

MAIA, Márcia. *Em queda livre*. Edição da autora: Recife, 2005.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e o renascimento do trágico. Kriterion Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 46, n. 112, 2005. Disponível em: <http://www.kriterion.org.br>

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X200500020003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X200500020003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 Nov 2007.

NEMER, Sylvia R. B. *Hamlet e a Melancolia: uma tentativa de interpretação a partir da teoria de Walter Benjamin*. Disponível em: <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/perfil/mat5/txtmat5.htm> Acesso em 26/11/2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia* ou helenismo e pessimismo. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RABELO, Adriano de Paula. *Formas do trágico moderno nas obras de Eugene O'Neill*

*e de Nelson Rodrigues*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.teses.usp.br> Acesso em 26/11/2007.

TATE, Allen. "A tensão na poesia". In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, vol. 2.

Meio eletrônico:

<http://www.mudancadeventos.blogger.com.br/>

<http://www.tabuademares.blogger.com.br>

[http://cristalpoesia.net/marcia\\_maia.htm#bio](http://cristalpoesia.net/marcia_maia.htm#bio)

<http://www.germinaliteratura.com.br/mm.htm>

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/posesianet197.htm>

[http://www.interpoetica.com/marcia\\_maia.htm](http://www.interpoetica.com/marcia_maia.htm)

[http://www.escritorassuicidas.com.br/edicao20\\_5.htm](http://www.escritorassuicidas.com.br/edicao20_5.htm)

